

FACULDADE UNINA

**SOS VIDA NO PLANETA TERRA: Uma abordagem sobre a
Ecoteologia na igreja**

**SOS LIFE ON PLANET EARTH: An approach to Ecotheology in
the church**

Sandra Mara Gomes¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, refletir sobre os desafios enfrentados pela Igreja frente a destruição da vida no Planeta Terra, provocada pelo capitalismo predatório, apresentando como alternativa a Ecoteologia para a sustentabilidade. A princípio, discorre-se sobre o mundo das ciências de Descartes, com o antropocentrismo a Einstein e a Mecânica Quântica; em seguida, faz-se uma reflexão sobre as mudanças no mundo do trabalho, a Revolução Industrial e a gênese do capitalismo cíclico, que tem por meta o lucro; até se transformar na máquina destruidora do meio ambiente; posteriormente trabalha-se o desenvolvimento sustentável, levando-se em conta que se trata da única forma de salvar a *casa comum* planetária na atualidade; e encerra-se defendendo a Ecoteologia como estratégia para a resolução da problemática da destruição desenfreada da natureza na Igreja, visto que, as transformações não ocorrem por decretos e sim pela conscientização. Por se tratar de estudo de abrangência universitária, a ser apresentado como pré-requisito à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Teologia da Faculdade UNINA e, entendendo que a hermenêutica está em franco desenvolvimento, a temática ainda suscita muitos debates entre os cientistas e teólogos, logo, não se tem à pretensão de esgotar as discussões sobre o assunto.

Palavras-Chave: Meio ambiente; Sustentabilidade; Ecoteologia.

Curitiba-PR

2022

¹ Licenciada em História e especializada em Organização do Espaço e Meio Ambiente. Aluna do Bacharelado em Teologia em EaD da Faculdade UNINA.

FACULDADE UNINA

ABSTRACT

This article aims to reflect on the challenges faced by the Church in the face of the destruction of life on Planet Earth, caused by predatory capitalism, presenting Ecotheology as an alternative for sustainability. At first, the world of science from Descartes is discussed with anthropocentrism to Einstein and Quantum Mechanics; then, a reflection is made on the changes in the world of work, the Industrial Revolution and the genesis of cyclical capitalism that has profit as its goal, until it becomes a machine that destroys the environment; later, sustainable development is worked on, taking into account that it is the only way to save the planetary *common home* today and it ends up defending Ecotheology as a strategy for solving the problem of unbridled destruction of nature in the Church, the transformations does not occur through decrees but through awareness. Because it is a university-wide study to be presented as a prerequisite to the discipline of Work of Completion of Course of the Bachelor's Degree in Theology at Faculty UNINA and, understanding that hermeneutics is in full development, the theme still raises many debates between scientists and theologians do not pretend to exhaust the discussions on the subject.

Keywords: Environment; Sustainability; Ecotheology.

Artigo Científico entregue à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.
Orientador: Prof. Alisson Sant'Anna

Curitiba-PR

2022

INTRODUÇÃO

SOS vida no Planeta Terra: uma abordagem sobre a ecoteologia na Igreja, trata-se de uma nova atuação do Teólogo, cercado sobre as profundas transformações ambientais que a sociedade humana atravessou e vem atravessando na pós-modernidade, gerando alterações no fazer pastoral, abordando como caminho a Ecoteologia. Concebe a religião/igreja como um espaço social e político, o que implica a reflexão sobre a pertinência e relevância histórica, contextualizada da prática com o tempo/espaço de atuação.

Para tanto, utiliza-se de pesquisa bibliográfica, uma metodologia exploratória qualitativa, e está organizado em quatro tópicos, que são: primeiro, Um Olhar sobre o mundo das ciências; segundo, contextualiza-se historicamente as transformações ocorridas no mundo do trabalho e a destruição da natureza; O terceiro tópico trata-se do desenvolvimento sustentável e o quarto tópico e principal, defende-se a ecoteologia como estratégia para a resolução da problemática da destruição desenfreada da natureza na Igreja.

Finalmente, justifica-se o tema, na crise de percepção vivida pela coletividade como um todo neste século XXI e, essencialmente pela crise real que a Igreja vem enfrentando, afetando a população de baixa renda por falta de água potável e saneamento, pelas secas, queimadas, destruição de várias espécies de animais, os rios se tornando a fossa ambulante da humanidade, muitos deles já assoreados. Muitos Padres e Pastores embora percebam algumas transformações, ainda atuam dentro do paradigma tradicional em desacordo com as dificuldades enfrentadas nos novos tempos. Portanto, a compreensão desta problemática, é uma necessidade vital de todos os Teólogos comprometidos com a preservação da vida na Terra.

1. UM OLHAR SOBRE O MUNDO DAS CIÊNCIAS

Do século XVIII ao XIX, ocorreu o mapeamento de todo campo teórico *motor* das ideias chamadas científicas modernas, estruturadas na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico², as Leis de Kepler sobre as órbitas dos

² Copérnico acreditava que a Terra era um planeta que concluída uma órbita em torno do sol fixo todo ano e que girava em torno de seu eixo todo dia. Chegou a essa correta explicação do conhecimento de outros planetas e explicou a origem dos equinócios, através da vagarosa mudança da posição do eixo rotacional da Terra. Ele também deu uma clara explicação da causa das estações: O eixo de rotação da terra não é perpendicular ao plano de sua órbita. (CAPRA.2003, p.21)

planetas, as leis de Galileu, a grande síntese da ordem cósmica de Newton, a consciência filosófica que lhe conferem Bacon e, sobretudo Descartes. Portanto, foram alguns espíritos rebeldes, sensíveis às contradições da época, que se insurgiram na criação dessa nova síntese científica.

Conforme explica Capra:

O nascimento da ciência moderna foi precedido e acompanhado por um desenvolvimento do pensamento filosófico que deu origem a uma formulação extrema do dualismo espírito/matéria. Essa formulação veio à tona no século XVII, através da filosofia de René Descartes. Para este filósofo, a visão da natureza derivava de uma divisão fundamental em dois reinos separados e independentes: o da mente (*res cogitans*) e o da matéria (*res extensa*). A divisão “cartesiana” permitiu aos cientistas tratar a matéria como algo morto e inteiramente apartado de si mesmos, vendo o mundo material como uma vasta quantidade de objetos reunidos numa máquina de grandes proporções. Essa visão mecanicista do mundo foi sustentada por Isaac Newton, que elaborou sua Mecânica a partir de tais fundamentos, tornando-a o alicerce da Física clássica. Da segunda metade do século XVII até o fim do século XIX, o modelo mecanicista newtoniano do universo dominou todo o pensamento científico. Este modelo caminhava paralelamente com a imagem de um Deus monárquico que, das alturas governava o mundo, impondo-lhe a lei divina. As leis fundamentais da natureza, objeto da pesquisa científica, eram então encaradas como as leis de Deus, ou seja, invariáveis e eternas, às quais o mundo se achava submetido. (CAPRA, 2003, p.25).

O objetivo de Descartes era construir um sistema filosófico similar a matemática, com verdades indubitáveis pois, segundo ele, só era considerado ciência o que poderia ser comprovado com documentos. Conforme Capra (1983:25) em consequência da divisão cartesiana, os indivíduos, na sua maioria, tinham consciência de si mesmos como egos isolados existindo dentro de seus corpos. Isto é, a mente foi separada do corpo.

A visão da natureza³ em dois reinos separados e independentes: o da mente (*res cogitans*) e o da matéria (*res extensa*), dava ao homem o poder de explorar toda a natureza, seus semelhantes e todos os seres vivos.

Há nessa concepção, uma homogeneização da humanidade, que partia da barbárie a civilização, a qual atuou para a destruição das diferenças do meio ambiente ligada a ideia de progresso, que possibilitou a criação dos Estados-nação –

³O ser humano compreendeu-se como *imago Dei* (imagem de Deus) na terra, sujeito de conhecimento e de vontade, se fundamentou na concepção cartesiana do mundo, apresentando o ser humano como *res cogitans* (coisa pensada) e a natureza como *res extensa* (coisa extensa, corpo, mundo). Dessa forma, houve uma separação entre o ser humano e a natureza. Além disso, sua compreensão de Deus, como *Senhor do mundo* e dominador da terra, foram o fundamento na formulação de uma teologia centralizadora e justificaram a exploração do ser humano na natureza. (MOLTMANN.1993, p.78).

fragmentando assim, nações, raças, grupos políticos e religiosos – do final do século XVIII ao XIX.

A filosofia cartesiana exerce grande influência na forma de pensar nos dias atuais, embora à especialização tenha tornado possível conquistas científicas e tecnológicas, por outro, o homem atual separou razão e sentimento, ciência e ética, utilidade e felicidade.

Houve a homogeneização, a padronização da humanidade, tanto que, após a fragmentação dos diferentes domínios da vida social – levando em conta a grave deterioração do meio ambiente natural, pela superpopulação, pela competição individualista, pelo consumismo, pelo recrudescimento da violência, pelo desmatamento, pelas queimadas, pelo desemprego, pela miséria e a fome – não consegue encontrar o sentido perdido nas particularidades. O próprio procedimento científico padrão começou a se mostrar impotente para a resolução de inúmeros problemas, com isso, a crise profunda e irreversível do paradigma moderno e o início de uma nova *revolução* no conhecimento, que teria iniciado no campo da Física com Albert Einstein⁴ e a Mecânica Quântica.

A relatividade da simultaneidade criada por Einstein; a impossibilidade do observador estabelecer a ordem temporal dos acontecimentos no espaço, não

⁴Albert Einstein com a sua Teoria Geral da Relatividade descobriu que a medida do tempo varia conforme a velocidade com que se deslocam diferentes observadores, em diferentes referenciais, que o espaço é curvado pela presença de matéria, que matérias são equivalentes (...)O trabalho de Einstein possibilitou o desenvolvimento da Mecânica Quântica (...)descobriram uma estranha propriedade quântica : os elementos atômicos, a luz e outras formas eletromagnéticas têm um comportamento dual – ora se comportam como se fossem constituídos por partículas, ou seja, por elementos de massa confinada a um volume bem definido numa região específica do espaço, ora agem como se fossem ondas que se expandem em todas as direções. A natureza do comportamento era como se o esperado se refletisse na experiência. Niels Bohr elaborou o princípio da complementaridade, estabelecendo que mutuamente excludentes num dado instante, os comportamentos são igualmente necessários para a compreensão e a descrição dos fenômenos atômicos. O paradoxo é necessário. Aceita a discrepância dos dois aspectos extremos, mas igualmente complementares para a descrição exhaustiva de um fenômeno. No domínio do quantum não se pode ter uma objetividade completa...ruiu assim, mais um pilar newtoniano cartesiano, o básico talvez, não se pode mais crer num universo determinístico, mecânico, no sentido clássico do termo. A nível subatômico não podemos afirmar que exista matéria em lugares definidos no espaço, mas que existem tendências a existir, e os eventos têm tendência a ocorrer. É este o princípio da Incerteza de Heisenberg. Tais tendências possuem propriedades estatísticas cuja fórmula matemática é similar à fórmula das ondas. É assim que as partículas são, ao mesmo tempo ondas. A Física deixa de ser determinística para ser probabilista, e o mundo dos sólidos objetos materiais, que se pensava bem definido, se esmaça num complexo modelo de ondas de probabilidade. Cai o determinismo em Física. As partículas não têm mais significado como objetos isolados no espaço; elas só fazem sentido se forem consideradas como interconexões dinâmicas de uma rede sutil de energia entre um experimento e outro(..) (CAPRA. 2003, p.115).

havendo na natureza velocidade superior à luz, para medir a velocidade faz-se necessário conhecer a simultaneidade dos acontecimentos.

Ao romper com esse círculo Einstein, demonstra que a simultaneidade dos acontecimentos distantes não pode ser verificada, tão só definida; a arbitrariedade das medições leva a contradição dos resultados, uma vez que, esses nos devolverão a simultaneidade que foram introduzidos no moderno sistema de medições; essa teoria revolucionou a concepção moderna de espaço e de tempo.

Os avanços da física, da química e da biologia, a teoria da evolução em que a mínima flutuação de energia pode conduzir a um novo estado, levando a irreversibilidade nos sistemas abertos. Significa que estes são produto de sua história; esses dados levam a concepções que apontam para alterações dos modelos que eliminam o determinismo, dando lugar à imprevisibilidade, o mecanismo dando lugar à interpretação, em vez da eternidade, a história.

Transferindo todas essas transformações para a Igreja, percebe-se a necessidade da alteração em seus paradigmas. Incorporar a ecologia na fé cristã na forma de pensar a fé, na sua lógica aprendendo nas comunidades de vida comprometida e crítica da realidade.

Há premência de se direcionar a unidade e inter-relação de todos os fenômenos e à natureza intrinsecamente dinâmica do Universo, a compreensão do mundo como um sistema de componentes inseparáveis, em permanente interação e movimento, sendo o homem parte integrante desse sistema a formação de hábitos e valores que favoreçam o convívio com as transformações, para se produzir um meio ambiente seguro para as atuais e futuras gerações.

2. TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E DEPREDÇÃO DO MEIO AMBIENTE

A História da Humanidade a partir de Marx, especificamente a traduzida por Althusser – hoje até de certa forma vista por muitos historiadores como reducionista – foi dividida conforme os modos de produção utilizados pelo Homem em diferentes tempos e espaços, para conseguir os meios necessários a sobrevivência. Neste Artigo utilizou-se a investigação dos modos de produção em Marx, por se tornar procedente para uma melhor compreensão da crise de trabalho que se instalou na modernidade.

Desde o início da vida do Homem no planeta Terra, este sempre trabalhou para obter o necessário para a subsistência. Num primeiro momento, o homem vivia no

modo de produção primitivo ou comunista: era nômade, retirava da natureza tudo que necessitava para sobrevivência, tudo que produzia era dividido entre todos de acordo com a necessidade de cada um. Não havia nem explorado, nem explorador. Todos trabalhavam e todos usufruíam os bens de produção. O Homem vivia em perfeita harmonia com o meio ambiente.

Com a descoberta da agricultura, surge o excedente de produção, que gera os modos de produção asiático, com governos teocráticos e a servidão coletiva; escravagista, de domínio do homem pelo próprio homem; feudal; momento que os servos produziam todo o necessário para o sustento do feudo, até o século XVIII o meio agrícola é a principal característica do trabalho humano, a qual não exigia instrumentos sofisticados, nem altas tecnologias, visto que, a medida da riqueza era a propriedade da terra, e era por meio dessa propriedade que havia o domínio de uns homens sobre outros. Havia desmatamento, no entanto, a natureza tinha capacidade de se regenerar.

No final do século XV tem início o capitalismo comercial, que significa acumulação de capitais através da circulação de mercadorias que leva a primeira mundialização, pré-capitalismo cuja política econômica objetivava o lucro, por isso o tráfico de escravos e exploração de colônias o que gerou o excedente de capitais suficiente para financiar a Revolução Industrial. A modernidade, que eclodiu a partir do século XVI, com as expansões ultramarinas e as revoluções científica e industrial, transformou a cultura em um processo civilizatório e assim passou a estabelecer uma relação de oposição entre cultura/civilização, de um lado, e meio ambiente⁵ do outro.

A Revolução Industrial trouxe um processo de grandes mudanças socioeconômicas as quais influenciaram a vida de milhões de pessoas em quase todas as regiões do planeta, foram transformações que se relacionaram diretamente na substituição do trabalho artesanal e agrícola, que utilizava ferramentas, pelo que predominava o uso das máquinas. Portanto, surge assim, um novo modo de produção, chamado capitalismo⁶ industrial, onde os meios de produção pertencem ao capitalista, cuja base é o trabalho assalariado.

⁵O Meio Ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas". A mesma lei adota o conceito de recursos ambientais como sendo "a atmosfera, as águas superficiais e subterrâneas, o mar territorial, o solo, o subsolo, os elementos da biosfera, a fauna e a flora. (BURSZTYN,2012, p.44).

⁶A natureza do capitalismo se consistiria em uma relação socioeconômica baseada em ciclos, que ao destruírem um determinado setor da economia, por inovações tecnológicas e por empreendedorismo

Em comparação com o trabalho humano, as máquinas eram muito vantajosas: produziam mais, com maior rapidez, sempre no mesmo ritmo e intensidade. O trabalhador tornou-se operário: não era dono das ferramentas, executava uma tarefa repetitiva e, pelo esforço despendido, recebia um salário. Conforme DE MASI 2000:18, a sociedade industrial permitiu que milhões de pessoas agissem somente com o corpo, não lhes deixando a liberdade para expressar-se com a mente. Nas linhas de montagem, os operários movimentavam mãos e pés, de forma repetitiva, mas não usavam a cabeça. Dependentes do tempo do relógio e produziam em série.

Como consequência, a partir da Revolução Industrial, houve o aumento da concentração de gases na atmosfera, provenientes da queima de combustíveis fósseis, automóveis e, até mesmo, de incêndios florestais, com a ajuda da derrubada de florestas tropicais, no meio urbano os rios são canalizados, solos cobertos por asfalto, vegetação nativa devastada, assim como a fauna original da área, queimadas, etc.

Todo espaço florestal é ocupado para agropecuária, dizimação até das áreas de terras dos indígenas para garimpo se vive na Era do Antropoceno⁷, poluição das nascentes dos rios, tanto que a poluição está em tudo no ar, na água, na Terra e cada vez mais a distância que separa pobres e ricos.

O surgimento da propaganda levou a um consumismo desenfreado é o que reordena a produção e o consumo de massa sob a lei da obsolescência, a sedução e da diversificação, aquela que faz passar o econômico para a órbita da moda, isso que tudo é produzido em série.

Está acontecendo grandes transformações no mundo do trabalho, que se caracterizam por avanços ultrarrápidos que resultam em obsolescências, com isso os

empresarial, criam novos polos de dinamismo, alterando essas relações e as colocando em outro patamar de desenvolvimento. O progresso não consiste em um movimento linear, mas em um que se faz por uma espécie de espiral, que contém tanto momentos de dissolução quanto de engendramento de algo novo. Não há, nesse sentido, uma expansão uniforme. A economia capitalista é “revolucionada, de dentro, por novos empreendimentos, isto é, pela introdução de novas mercadorias ou novos métodos de produção ou ainda novas oportunidades comerciais, em sua estrutura industrial, como existe a qualquer momento dado” (ROSENFELD. 2010, p. 7)

⁷ O conceito *antropoceno* — do grego *anthropos*, que significa humano, e *kainos*, que significa novo — foi popularizado em 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, vencedor do Prêmio Nobel de química em 1995, para designar uma nova época geológica caracterizada pelo impacto do homem na Terra, em que predomina a influência humana, e que as sociedades são marcadas pelo consumo em massa, “o objetivo já não é conseguir uma sociedade melhor, pois melhorá-la é uma esperança vã sob todos os efeitos, mas melhorar a própria posição individual dentro dessa sociedade tão essencial e definitivamente incorrigível. (BAUMAN,2000, p.48).

detritos entupindo lixões também são velozes, especialmente na microeletrônica, na robótica industrial, na computadorização dos serviços, na química fina e na biotecnologia, as quais exigem imensos investimentos e pesquisas associadas à eficiência e produtividade, tendo a liderança dos grandes conglomerados multinacionais. É a máquina tecnológica exigindo especialização e ocupando o lugar da máquina humana.

Outro ponto que é interessante ressaltar, é a questão da volta e/ou neoliberalismo pós-guerra fria, com democracias dirigidas pelo mercado globalizado, mesmo com a Guerra entre Rússia e Ucrânia apenas sendo redimensionados e perigosamente enfrenta-se o perigo de uma poluição nuclear total.

A globalização é a conexão entre todos os países do Planeta Terra, espaços locais e distantes, o que quer dizer uma aproximação entre os indivíduos e uma ressonância instantânea dos fatos, eventos, ações e produtos. Trata-se de um contexto histórico em constante mutação, marcado pela incerteza.

As mudanças da globalização geraram novos conceitos e reformularam outros: nos fortalecem a capacidade de decidir, optar, participar, questionar e reinstaurar, como também a autonomia para viver, sentir, fazer e agir livres de determinações que são exteriores

Precisa-se entender que, a partir da degradação ambiental provocada pelo capitalismo predatório, temos dois caminhos: a estagnação – ficar na plateia dos acontecimentos – e as possibilidades de o homem como ser instituinte – interventivo – transformador – criativo. E é para este segundo caminho aberto pela globalização que se apresenta a abordagem ecoteológica da Igreja.

3. O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Com base no mundo científico, nas transformações do mundo do trabalho e a destruição da natureza, o Planeta Terra grita: SOS Vida! Precisa-se de uma transformação nas formas de produção de forma a não causar tanta destruição. Portanto, a concepção capitalista que é cíclica, está em constante remodelação, buscando formas de organização e de construção de uma economia global, baseada nas novas tecnologias que não acarretem tanto peso ao meio ambiente, visto que, este *mundo do agora*, em que interconecta os mercados de capital em tempo real, é potencialmente promissor e perigoso, segundo o Preâmbulo da Carta a Terra:

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global fundada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade de vida, e com as futuras gerações. Terra, Nosso Lar. A humanidade é parte de um vasto universo em evolução.

A ideia de Desenvolvimento Sustentável surgiu na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972. Com o estabelecimento da Comissão Mundial das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (1983), e posterior publicação do relatório *Nosso Futuro Comum*, mais conhecido como Relatório de Brundtland, de 1987, formalizou-se o conceito de Desenvolvimento Sustentável, que o tornou publicamente conhecido, conforme o Relatório de Brundtland, Desenvolvimento Sustentável significa o desenvolvimento que procura “satisfazer as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

O termo Sustentabilidade, é um processo mediante o qual tenta-se construir uma sociedade global, capaz de se perpetuar indefinidamente no tempo, em condições que garantam a dignidade humana. “Atingido o objetivo de construir essa nova sociedade, será sustentável tudo aquilo que contribua com esse processo, e insustentável será aquilo que se afaste dele”

O Desenvolvimento sustentável trata-se do paradigma de desenvolvimento da sociedade, que requer o uso dos recursos naturais criteriosos, responsabilidade com os resíduos produzidos pela atividade industrial, a união entre economia/meio ambiente. Contrária a concepção estreita de um mundo capitalista, individualista, antropocentrista e consumista.

Portanto, nenhuma sociedade atual é sustentável, pois estão profundamente enraizadas no desperdício da produção e do consumo para compreenderem seu caráter insustentável, portanto, a garantia do futuro da espécie e para que se possa progredir na sua humanização, a exigência da Sustentabilidade supera o clássico conceito de Desenvolvimento Sustentável. Portanto há necessidade de um diálogo permanente na busca de conhecer os problemas sociais, econômicos, políticos e

ambientais de cada região, país e do mundo globalizado, para buscar soluções e gerar necessidade e vontade social e política para implementação da sustentabilidade.

Freitas traz um novo conceito de sustentabilidade

É o princípio constitucional que determina, com eficácia direta e imediata, a responsabilidade do Estado e da sociedade pela concretização solidária do desenvolvimento material e imaterial, socialmente inclusivo, durável e equânime, ambientalmente limpo, inovador, ético e eficiente, no intuito de assegurar, preferencialmente de modo preventivo e precavido, no presente e no futuro, o direito ao bem-estar. Ou, numa fórmula sintética: é o princípio constitucional que determina promover o desenvolvimento social, econômico, ambiental, ético e jurídico-político, no intuito de assegurar as condições favoráveis para o bem-estar das gerações presentes e futuras. (FREITAS,2012, p.50).

Assim sendo, é perceptível que o Desenvolvimento Sustentável decorre do princípio da Sustentabilidade, essencial para que se fundamente um desenvolvimento econômico que, considere e respeite os bens comuns e o bem-estar da humanidade.

Destarte, para ocorrer verdadeiramente o desenvolvimento sustentável, os recursos naturais renováveis, devem ter seus limites de reposição respeitados com relação aos não renováveis, precisa-se obter novas fontes de exploração para que não se esgotem, provocando o desequilíbrio ecológico, tendo em vista também o compromisso com as futuras gerações. Portanto, é essencial um desenvolvimento econômico que tenha por finalidade gerar uma melhor qualidade de vida das pessoas, com padrões que tenham o menor impacto ambiental possível, não podendo ser separada da medição das consequências de longo prazo.

A Sustentabilidade, posto que, tem como finalidade garantir a sobrevivência e o direito das gerações atuais sem prejuízo das futuras, a um meio ambiente ecologicamente equilibrado nos termos definido pela Constituição Federal de 1988 em seu Art. 225: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.”

O atual modelo econômico, baseado na produção e consumo requer uma completa reestruturação com vistas a preservação dos recursos naturais e da vida humana, portanto, existe controle dos riscos ambientais decorrentes da produção industrial, que causam impactos ambientais negativos de forma a minimizá-los e controlá-los. Como também há órgãos públicos instituídos para exigir sua aplicação, no entanto, a fiscalização é insatisfatória.

Assim sendo, é imprescindível para a implementação do *desenvolvimento sustentável*, um novo paradigma filosófico, proporcionando uma nova postura de homem/mulher como ser vivo, que troca energias com a natureza, capazes de manter a vida humana; Desenvolvimento econômico: deve voltar-se para preservação ambiental; Leis eficazes: as leis já existem só precisam ser cumpridas; Fiscalização estatal: por parte do poder público é insatisfatória, pois muitos visam somente o lucro.

Portanto, a sustentabilidade tem como objetivo, a sobrevivência do planeta mediante a preservação e a melhora dos elementos físicos e químicos, possibilitando assim, uma melhor qualidade de vida, portanto, perpassa pelos destinos da espécie humana: alcançando a perpetuação da vida e o valor intrínseco da criação ou do mundo natural como enfatiza BOFF(2014,p.19) “a sustentabilidade de uma sociedade se mede por sua capacidade de incluir todos e garantir-lhes os meios de uma vida suficiente e decente”.

E é para a implementação de uma vida sustentável a partir de um desenvolvimento sustentável que apresentamos a Ecoteologia na Igreja, além da mensagem da salvação em Jesus Cristo, também a Salvação da criação do Paraíso Terrestre da Casa Comum. Conforme a Carta da Terra:

A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade de vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

4. A ECOTEOLOGIA UMA NOVA ALTERNATIVA PARA A SUSTENTABILIDADE NA IGREJA.

Neste tempo/espço de graves problemas ambientais, é de suma importância a participação da Igreja, pois dos desafios enfrentados o mais grave é o próprio homem desenvolver uma consciência ecológica, visto que a deixou atrofiar, portanto, necessita-se de uma reflexão teológica de cunho ecológico, e a ecoteologia poderá transformar a postura cristã, visto que, preocupa-se com a preservação e o futuro do planeta.

Conforme Damásio:

Num tempo de elevado risco ecológico global, nunca como hoje foi necessária uma antropologia teológica, uma teologia cristã da criação e uma teologia da ecologia capazes de acompanhar os esforços das ciências, no

estabelecimento de um racional, ver, de um ecológico básico, *open science*, *open access*. Como modelo cognitivo e interpretativo da realidade alargada, este ecológico básico poderá ajudar a humanidade a restaurar- -recriar-reimaginar-considerar o planeta e a vida no planeta, na base da 'aliança intensiva' entre: o viver de recursos generosamente oferecidos pela natureza mineral, vegetal e animal; o viver com essa mesma natureza em regime de reciprocidade simbiótica; e o viver para a homeostasia do ecossistema, pondo a inteligência consciente e a empatia humana ao serviço não só de condições sempre mais favoráveis à sobrevivência, mas também ao serviço do bem-estar, da vida boa, do '*Bien Vivir*', de todas as criaturas, tendo em conta a diversidade de necessidades e de expectativas. Para tal, alerta o neurocientista António Damásio, "Devemos respeitar a inteligência, fenomenal e ainda incompreendida, da natureza" (DAMÁSIO, 2020, p.268).

Deus liga estreitamente pela lei de uma indissolúvel amizade, numa comunhão e harmonia, a criação inteira. Assim sendo, para a ecoteologia não existe dualismo entre o homem redimido (a Igreja) e os outros seres vivos. Como possui o livre-arbítrio o homem/mulher será recompensado ou punido pela natureza conforme sua prática.

Portanto, o ser humano está no centro, em múltiplas relações de dependência e autonomia, em relação diferenciação e alteridade diante dos outros seres, longe de dominar, suscita responsabilidade. O ser humano é responsável não somente pelo futuro da história, mas também do cosmo, no âmbito da *casa comum*, que é o planeta Terra. Conforme BOFF:

Terra e Humanidade formaram uma única entidade, como o viram e estremeceram de emoção os astronautas, a partir de suas naves espaciais, lá fora no espaço exterior. De lá não há diferença entre Terra e Humanidade. Ambos formam uma única entidade, com uma mesma origem e um mesmo destino. Só o cuidado garantirá a sustentabilidade do sistema Terra com todos os seres da comunidade de vida entre os quais se encontra o ser humano. Sua função é a do jardineiro, como se relata no segundo tópico do Gênesis. Trabalho do jardineiro é cuidar do jardim do Éden, fazê-lo fecundo e belo. (...) Precisamos vivê-la para que tenhamos futuro e possamos co-evoluir como temos evoluído já há 4,5 bilhões de anos, pois esta é a idade de nossa Terra (BOFF, 2007, p.93).

A Ecoteologia interrompe a fragmentação dos saberes deixada pela teologia tradicional, se insere numa concepção holística, por meio do diálogo, enfatiza a interdependência da reflexão teológica com a prática pastoral e a espiritualidade, de modo a envolver-se com as grandes questões universais e transformar a práxis do mundo como um todo, tendo como núcleo a compreensão unificada da complexa experiência salvífica, incluindo a ecoesfera, a comunidade biótica, todos os seres. O ser humano compreende-se nas múltiplas relações de dependência, autonomia, diferenciação frente aos outros seres que vivem no planeta Terra. Capra enfatiza:

Pensar ecologicamente não significa simplesmente refletir sobre o ecossistema e o ser humano (...), e sim pensar "na relação entre eles". E, neste sentido, nós aprendemos das comunidades de vida (ou biosfera) que um determinado ser, biótico ou abiótico, não é compreendido de forma isolada, e sim no contexto das relações que estabelece. Nos ecossistemas,

estas relações são de competição e de cooperação. E há um predomínio da segunda sobre a primeira: “A vida, desde o seu início há mais de três bilhões de anos, não conquistou o planeta pela força, e sim através de cooperação, parcerias e trabalho em rede” (CAPRA, 2003, p.25).

Dentro da Ecoteologia, o objetivo do conhecimento é propiciar a participação, a integração de todos os seres nas relações recíprocas, portanto, viver significa existir em relação com os outros seres, objetos, estados de coisas e com o meio ambiente. A doutrina da criação acontece de forma comunicativa, integradora e participativa. O futuro da criação consiste em se transformar em pátria⁸ e morada da glória de Deus⁹, onde se habitará por completo e todas as criaturas participarão da plenitude da vida eterna, o que gerará a integridade ecológica.

No reino da pátria existe liberdade, as potencialidades humanas são livres, pobres e ricos, homens e mulheres, todos os seres humanos e animais são moradores de um espaço comum – o espaço cósmico. É a casa de todos, portanto, unirá a todos, pois compartilham de um mesmo espaço que os proporciona manutenção de vida por meio do Espírito Criador

Do ponto de vista do conteúdo, o núcleo da ecoteologia¹⁰ seria a compreensão unificada da complexa experiência salvífica (criação, história, encarnação, redenção e consumação) em processo de realização, incluindo necessariamente a ecoesfera, a comunidade biótica, todos os seres.

O ser humano torna-se responsável pelo futuro da casa comum, que é o planeta Terra, como também se amplia a espiritualidade, pois toda criação vem de Deus, com seus processos cíclicos e evolutivos, e está fundada na Palavra Criadora do Filho e sustentada pelo Espírito Santo. Assim sendo, se reconhece a comunhão com o ecossistema e sua dimensão sacramental.

Conforme Murad:

“Deus não é somente o criador do mundo, mas também o Espírito do universo”. A criação é obra das mãos de Deus, distinta d’Ele, mas também presença diferenciada de Deus Espírito, presença do Uno nos muitos. Na

⁸Sob esse viés hermenêutico, uma das linguagens simbólicas na interpretação teológica de Moltmann é o símbolo da *pátria*, um conceito fundamental para a compreensão da natureza. A partir disso, a relação do ser humano com o meio ambiente é entendida sob o viés de liberdade. A natureza é o espaço de habitação, onde os seres vivos devem viver em harmonia. Assim, pátria é a morada de toda a criação, e sob uma perspectiva escatológica, a morada do próprio Deus. (MOLTMANN.1993, p.19).

⁹Deus habitará por completo e para sempre em sua criação, e fará que todas as suas criaturas participem da plenitude de sua vida eterna. “Se o Deus criador mesmo habita em sua criação, então a converte em sua pátria, assim na terra como no céu. Todas as criaturas encontram então em sua proximidade a fonte inesgotável de suas vidas, encontram pátria e repouso em Deus” (MOLTMANN.,1993, p.18).

¹⁰A palavra ecologia tem origem no grego *oikos*, que significa casa, *theo* Deus e *logos*, estudo. Seria estudo da casa de Deus, o mundo. Definição minha.

rede relacional de Deus com suas criaturas, há relações unilaterais, que dizem respeito somente a Deus: criar, conservar, sustentar e consumir. E há outras que são recíprocas e configuram uma cósmica comunhão de vida entre Deus e suas criaturas: inabitar, compadecer, participar, acompanhar, suportar, deleitar e glorificar. (MURAD.2009, p.294).

No descanso do sábado se interrompe o trabalho da criação e ocorrem as primeiras relações entre a humanidade e a natureza, o nascimento de Jesus Cristo consuma a criação, e a ressurreição é o início da nova criação do mundo que conhecemos nos dias atuais, menosprezada pela Teologia Tradicionalista, visto que, o ecossistema, é considerado como *coisa* neutra ou negativa em relação à esfera do *espiritual*, já para a Ecoteologia é o caminho messiânico de transformação da condição humana para o Reino, portanto se a Igreja trabalhar dessa forma, a criação não sofrerá mais os danos gerados ao meio ambiente e para a humanidade.

Os seres são criados e renovados com a aproximação ininterrupta do Espírito Santo. Portanto, está presente em tudo que existe, vive e se move em outros, com outros, para outros, nas conexões cósmicas do Espírito divino, é fonte da vida. Graças ao Espírito todos os seres podem ter comunhão com Deus, atuando no mundo sem confundir-se com Ele, na preparação do Reino da glória, que renovará, unirá e consumará a terra e o céu.

Conforme (MOLTMANN1993, p.29) “Tudo o que vive, vive em uma forma especificamente sua nos outros, com os outros, dos outros e para os outros.”

Na relação entre o ecossistema e o ser humano, tudo é entendido no contexto de suas relações, nenhum ser, biótico ou abiótico é compreendido de forma isolada, no entanto a criatura humana possui uma consciência reflexiva e reflexa, superior aos outros seres, são componentes e subsistemas do cosmo, como também do Espírito divino que mora na sua estrutura corpóreo-psíquica. Assim sendo, a evolução é o auto movimento do Espírito divino da criação.

Portanto, a partir deste olhar, a criação, ecossistema permanece o mesmo, o que se transforma é a ação do Homem na prática dos princípios de Deus, assim sendo haverá a sustentabilidade e a esperança de um futuro melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradigma moderno separou a natureza em dois reinos independentes: o da mente (*res cogitans*) e o da matéria (*res extensa*) dava ao homem o poder de explorar toda a natureza, seus semelhantes e todos os seres vivos, mundo antropocêntrico, como homogeneizou a humanidade, criou os Estados-nação – fragmentando assim,

nações, raças, grupos políticos e religiosos – separou razão e sentimento, ciência e ética, utilidade e felicidade com isso padronizou a sociedade.

Após a fragmentação dos diferentes domínios da vida social: pela grave deterioração do meio ambiente natural, pela superpopulação, pela competição individualista, pelo consumismo, pelo recrudescimento da violência, pelo desmatamento, pelas queimadas, pelo desemprego, pela miséria e a fome, não consegue encontrar o sentido perdido nas particularidades. O próprio procedimento científico padrão começou a se mostrar impotente para a resolução de inúmeros problemas, com isso a crise profunda e irreversível do paradigma moderno e o início de uma *nova revolução* no conhecimento que teria iniciado no campo da Física, com Albert Einstein e a Mecânica Quântica. Teoria da relatividade, simultaneidade.

No mundo do trabalho a Revolução Industrial trouxe um processo de grandes mudanças socioeconômicas, as quais influenciaram a vida de milhões de pessoas em quase todas as regiões do planeta, foram transformações que se relacionaram diretamente na substituição do trabalho artesanal e agrícola, que utilizava ferramentas, pelo que predominava o uso das máquinas. Portanto, surge assim, um novo modo de produção, chamado capitalismo industrial, onde os meios de produção pertencem ao capitalista, cuja base é o trabalho assalariado.

Consequência, a partir da Revolução Industrial houve o aumento da concentração de gases na atmosfera, provenientes da queima de combustíveis fósseis, automóveis e, até mesmo, de incêndios florestais, com a ajuda da derrubada de florestas tropicais, no meio urbano os rios são canalizados, solos cobertos por asfalto, vegetação nativa devastada, assim como a fauna original da área, queimadas e o consumismo cada vez mais acirrado mesmo quando vive-se as maiores transformações tecnológicas e obsolescências também tremendas, gerando imensas montanhas de lixo, e isso sem contar que os países desenvolvidos levam seus detritos para despejarem nos menos desenvolvidos.

Portanto, é urgente uma tomada de posição para o desenvolvimento sustentável, de modo a usar recursos naturais de forma criteriosa e responsável com o tratamento dos resíduos produzidos pela atividade industrial, a união entre economia/meio ambiente. Contrariando assim, a concepção estreita de um mundo capitalista, individualista, antropocentrista e consumista.

Portanto, a sustentabilidade tem como objetivo, a sobrevivência do planeta mediante a preservação e a melhora dos elementos físicos e químicos, possibilitando

assim, uma melhor qualidade de vida, perpassando pelos destinos da espécie humana, alcançando a perpetuação da vida e o valor intrínseco da criação ou do mundo natural.

Assim sendo, a Ecoteologia na Igreja é uma alternativa para uma vivência sustentável, visto que, interrompe a fragmentação dos saberes deixada pela teologia tradicional, se insere numa concepção holística por meio do diálogo, enfatiza a interdependência da reflexão teológica com a prática pastoral e a espiritualidade, de modo a envolver-se com as grandes questões universais e, transformar a práxis do mundo como um todo, tendo como núcleo a compreensão unificada da complexa experiência salvífica, incluindo a ecoesfera, a comunidade biótica, todos os seres.

O Planeta Terra é a "casa comum" a "Pátria" "espaço do Reino de Deus, dessa forma todos os cristãos estarão dispostos a cuidar, sabendo que, a criação, ecossistema permanece a mesma, o que se transforma é a ação do Homem na prática dos princípios de Deus, assim sendo, haverá a sustentabilidade e a esperança de um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad.de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BOFF, L **Comunicar-nos com a natureza com compreensão, compaixão e amor**. São Paulo: Agenda Latina América, São Paulo, v. 1 2007.

----- **Leonardo. Sustentabilidade: o que é: o que não é**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BURSZTYN, Marcel. **Fundamentos de política e gestão ambiental: caminhos para a sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira** de 1988.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**. São Paulo: Cutrix, 2003.

Carta da Terra Disponível:<file:///C:/Users/human/Downloads/8497-Texto%20do%20artigo-20723-1-10-20120202.pdf>. Acesso:10/10/22

CRUZ, Paulo Márcio; FERRER, Gabriel Real. **Direito, Sustentabilidade e a Premissa Tecnológica como Ampliação de seus Fundamentos**. In: Revista Sequência (UFSC). Vol. 36, nº 71. Florianópolis, 2015.

DAMÁSIO, A. **Sentir e saber: a caminho da Consciência**. Lisboa: Temas e Debates, 2020.

FREITAS, Juarez. **Sustentabilidade: direito ao futuro**. 2 ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012

MASI, Domênico de. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na Criação: doutrina ecológica da criação**. Tr. Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993.

MURAD, Afonso. **O núcleo da ecoteologia e a unidade da experiência salvífica**. Pistis & Praxis, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10658>. Acesso:12/10/22.

ROSENFELD, Denis Lerrer. **Justiça, democracia e capitalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

Eu, Sandra Mara Gomes, portadora da carteira de identidade nº 1575291-2 na qualidade de estudante regularmente matriculada no Bacharelado em Teologia da Faculdade UNINA sob o n. 190228 declaro, para os devidos fins, que o Trabalho de Conclusão de Curso encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade. Nesse sentido, declaro, para os devidos fins, que o referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto, PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outras pessoas. O/a Professor/a responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o trabalho como fruto de meu exclusivo trabalho.

Curitiba, 21 de outubro de 2022.